

CHAPÉU DE PALHA: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE DA VELHICE NO BALNEÁRIO CASSINO

Cristiano Ollé Pereira¹
João Francisco Santana Xavier²
Micheli Vergínia Ghiggi³
Raquel da Silveira⁴

Resumo

Essa pesquisa pretende reconstruir historicamente o surgimento de um espaço público, que hoje é ponto de referência para práticas de lazer da comunidade do balneário Cassino. A partir de uma primeira aproximação com o campo de investigação, identificamos que no Chapéu de Palha acontecem encontros para jogos e campeonatos de bocha, envolvendo especialmente homens. No entanto, neste espaço são produzidas outras formas de sociabilidade e, assim, é pretensão deste estudo mapear estas práticas sociais, identificando os processos de sociabilidade na velhice, assim como as relações desses participantes com a prática da bocha, utilizando, como metodologia, as ferramentas da etnografia.

Palavras-chave: Lazer, sociabilidade na velhice, bocha.

Abstract

This research aims to reconstruct historically the emergence of a public space, which is now a reference point for leisure practices of the community to Cassino's beach. From a first approximation to the field of research, we identified that in "Chapéu de Palha" happen meetings to bowl games and championships, especially involving men. However, this space is produced other forms of sociability and thus pretention of this study is to map these social practices, identifying the processes of social interaction in the oldness, as well as the relationships of these participants with the practice of the bowl, using such methodology, tools of ethnography.

Keywords: leisure, social life in oldness, bowl.

Resumen

Esa pesquisa pretende reconstruir históricamente el surgimiento de un espacio público, que hoy es punto de referencia para prácticas de solaz de la comunidad del balneario Cassino. A partir de una primera proximidad con el sitio de investigación, identificamos que en el "Chapeu de Palha" ocurren encuentros para juegos y campeonatos de bocha, envolviendo especialmente los hombres. No en tanto, en este espacio son producidas otras formas de sociabilidad y, así, es pretensión de este estudio mapear esas prácticas sociales, identificando

¹ Acadêmico do curso de Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Bolsista do CNPq participante do Grupo de estudos de Jogos Gauchescos. E-mail: cristianoolle@gmail.com

² Acadêmico do curso de Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Bolsista voluntário, participante do Grupo de estudos de Jogos Gauchescos. E-mail: joaosxavier@yahoo.com.br

³ Professora substituta da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Mda. do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Professora coordenadora do Grupo de estudos de Jogos Gauchescos. E-mail: michelighiggi@gmail.com

⁴ Professora Msc. adjunta do Instituto de Educação – IE, coordenadora do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora coordenadora do Grupo de estudos de Jogos Gauchescos. E-mail: raqkarate@hotmail.com

los procesos de sociabilidad en la vejez, así como las relaciones de esos participantes con la práctica de bocha, utilizando, como metodología, las herramientas de la etnografía.

Palabras clave: *Solaz, sociabilidad en la vejez, bocha*

Introdução

Este estudo tem como objetivo relatar historicamente um espaço de lazer criado no balneário Cassino e freqüentado por velhos para a prática da bocha, além de momentos de sociabilidade estabelecidos entre aqueles que o utilizam. O Chapéu de Palha, no formato que conhecemos hoje, envolve pessoas que estão no processo de envelhecimento, encontrando-se neste espaço de lazer para jogos formais ou informais de bocha. Além disso, este espaço faz emergir outras formas de relações sociais, como o bloco carnavalesco ou somente momentos para conversas regadas a chimarrão⁵.

Com as declarações dos seus freqüentadores, bem como com constantes observações no local, realizamos um histórico sobre o Chapéu de Palha desde sua origem até os dias atuais, além de analisar os laços sociais que envolvem o lugar. Assim em conjunto com as vivências e experiências de seus atores e com alguns documentos que contam um pouco de sua trajetória, montamos a história e os caminhos de constituição do Chapéu de Palha no balneário Cassino, da cidade do Rio Grande (RS), bem como analisamos como a prática da bocha possui de certa forma uma relação com o processo de sociabilidade de velhos.

1. Histórico riograndino

Rio Grande é uma cidade histórica, berço da colonização portuguesa no sul do Brasil e foi a primeira capital gaúcha, sendo considerada como um ponto estratégico para ações políticas e militares da época. Antigamente chamada de Barra do Rio Grande do São Pedro, hoje, é uma cidade portuária que recebe o título de terceiro maior porto do Brasil. Esta cidade foi fundada em 9 de fevereiro de 1737 pelo brigadeiro José da Silva Paes e levada a condição de cidade em 1835, ano do início da Revolução Farroupilha, ocasião em que foi instituída como a capital do Rio Grande do Sul. Hoje, é conhecida pelo seu grande potencial portuário e, por ser uma península, possui inúmeras vantagens para esse pólo. Também conhecida como “Noiva do Mar”, Rio Grande tem uma das maiores festas religiosas do sul, a festa de Iemanjá para os espíritas e de Nossa Senhora dos Navegantes para os católicos, que acontece na maior praia em extensão do mundo, o balneário Cassino.

1.1 Balneário Cassino: um bairro turístico

Segundo Enke (2005), chamado inicialmente de Vila Siqueira, o balneário Cassino, hoje é um bairro da cidade do Rio Grande (RS), localizado nas proximidades do Oceano Atlântico, a sua fundação teve o objetivo de beneficiar a elite riograndina, que usufruía das jogatinas ocorridas no Hotel Atlântico, que além de hotel possuía um dos mais importantes cassinos da região.

⁵ Bebida típica do Rio Grande do Sul.

No jornal Echo do Sul do ano de 1885 chegamos à primeira informação sobre o planejamento do balneário, confirmando-o com a lei nº 1551 de 17 de dezembro de 1835, quando foi dada a concessão a companhia Carres Urbanos, para a construção de uma linha férrea e de um estabelecimento de banho. (ENKE, 2005, p. 16).

O balneário do Cassino, local escolhido para a realização dessa pesquisa, possui mais de cem anos, sendo considerado o balneário marítimo mais antigo do Brasil (1890) e a maior praia em extensão do mundo. O seu início fica a 18 quilômetros do centro da cidade do Rio Grande (RS) e a 317 km da capital gaúcha Porto Alegre (RS).

Após inúmeras procuras por locais na cidade para o estudo das sociabilidades na velhice, encontramos no balneário Cassino uma cancha de bocha, localizada em uma região nobre do balneário e com muitos frequentadores. Realizamos nosso primeiro contato e decidimos, então, começar a pesquisa nesse lugar, já que o mesmo apresentava duas características do nosso estudo a velhice e o jogo.

1.1.1 Chapéu de Palha: um breve histórico

Localizado no canteiro central da Avenida Rio Grande⁶, o Chapéu de Palha é uma estrutura que compõe quatro mesas para jogos de damas, com dois bancos cada mesa, além de possuir outros bancos somente para quem deseja desfrutar da vista que o local proporciona. Com uma cobertura no estilo palha Santa Fé, no formato de oca, o Chapéu de Palha tornou-se um espaço de lazer e sociabilidade no balneário Cassino. Conforme uma reportagem de um jornal local, este lugar “é a diversão das tardes e noites” (Jornal Agora, 7 de jan 2009).

Em nossas primeiras visitas ao espaço percebemos, através dos comentários de frequentadores do Chapéu de Palha, que algumas relações eram anteriores a existência do espaço hoje conhecido como Chapéu de Palha. Antes de este local ser construído, alguns moradores já se reuniam em outro local. Este que apesar de não ser estruturado de forma direcionada para que caracterizasse um espaço de lazer, acabou por se tornar um. A forma que tomou este local parece que foi um dentre outros ganhos que obteve um grupo que se encontrava já há muito tempo em outro espaço. Para além de suas relações de amizade, o grupo ganhou forma física, configurando-se uma confraria que parece ter propiciado outras formas de relações de sociabilidade.

O “Chapéu de Palha” construído no canteiro central da Avenida Rio Grande, que cobre as mesas de damas lá situadas, faz tanto sucesso na atual temporada de veraneio que a Secretaria Especial do Cassino (SEC) recebeu várias solicitações de moradores e frequentadores para realizar cobertura semelhante na cancha de bocha existente no lado. (JORNAL AGORA, 07 de fev 2008)

No começo era assim: “se reuniam na ‘esquina’, da lotérica, aqui na Avenida Rio Grande, bem em frente onde hoje é o Chapéu de Palha e ali surgiu o projeto do chapéu de palha” (Trecho do diário de campo nº14, de 18 de março de 2010). A esquina da lotérica foi um local de encontro por muito tempo. Nesse local, os encontros frequentes aconteciam na sua maioria por aposentados. Desse lugar, surgiu por parte dos frequentadores a idéia de reivindicar um espaço de lazer na avenida “depois da idéia e

⁶ Avenida principal do bairro Cassino.

do consenso por parte dos freqüentadores da ‘esquina’ em criar um local específico na avenida” (Trecho do diário de campo nº 17, de 15 abril 2010). Assim, o Chapéu de Palha começou a tomar forma, saindo das intenções de seus atores para uma realização mais concreta.

O “grupo da lotérica”⁷ levou esse desejo mais longe, conversaram com o secretário da Autarquia do Balneário Cassino (ABC)⁸, que também participava dos encontros na esquina, falando do projeto de um espaço público para encontros de freqüentadores do balneário, “como o secretário também era simpatizante do local tudo ficou mais fácil, foi idealizado o projeto e com ajuda dos freqüentadores da ‘esquina’, inclusive do secretário, o Chapéu de Palha saiu do papel” (Trecho do diário de campo nº 14, de 18 março 2010).

Como participante do “grupo da lotérica” o secretário foi quem tornou essa idéia possível, pois conseguiu recursos para a construção do Chapéu de Palha. Através de seu interesse, juntamente com a necessidade do grupo, o local foi tomando forma. Então, no dia 27 de setembro de 2007, inaugurou-se o Chapéu de Palha, local de sociabilidade e lazer no balneário. “Para passar o tempo e se descontraír com a família nada melhor que jogar damas.” (Jornal Agora, 7 jan 2010).

O “grupo da lotérica” vai além, afirmando que

[...] numa certa tarde depois do chapéu de palha construído, alguns dos freqüentadores do próprio local junto com o seu Joãozinho encontravam-se na esquina da lotérica. E num determinado momento seu João “sem muitas pretensões” pergunta para as pessoas que ali estavam o que elas achavam de construir uma cancha de bocha entre as árvores que se encontravam ao lado do chapéu de palha [...]. (Trecho do diário de campo nº 20, de 6 de maio 2010).

De forma quase idêntica com o surgimento do Chapéu de Palha nasce outro projeto, o de uma cancha de bocha pública, também idealizada pelos freqüentadores da esquina, seguindo quase os mesmos passos do projeto anterior. Comunicando o secretário sobre o interesse por uma quadra de bocha o mesmo se disponibiliza para concretizar essa idéia, “ele ligou para um arquiteto e por telefone pediu para ele verificar a possibilidade de construir uma cancha de bocha no lado do chapéu de palha” (Trecho do diário de campo nº 20, de 6 de maio 2010).

Após todo processo administrativo necessário para uma construção pública, é inaugurada no dia 15 de março de 2009 a cancha de bocha do Chapéu de Palha, noticiada da seguinte forma: “será inaugurada oficialmente a cancha de bocha, localizada no canteiro central da Avenida Rio Grande, Cassino” (Jornal Agora, 15 mar 2008). Com uma estrutura que proporcionava a prática da bocha, surgiu outro espaço de lazer e sociabilidade no balneário Cassino.

A cancha fez tanto sucesso que foi reivindicada pelos freqüentadores do Chapéu de Palha uma cobertura para a mesma

O “Chapéu de Palha” construído no canteiro central da Avenida Rio Grande, que cobre as mesas de damas lá situadas, faz tanto sucesso na atual temporada de veraneio que a Secretaria Especial do Cassino (SEC) recebeu

⁷ O termo nativo expressa o encontro de várias pessoas em um local específico. Assim denominado “grupo da lotérica”, pois foi o local de muitos encontros antes da construção do Chapéu de Palha.

⁸ Mesmo significado que SEC (Secretaria Especial do Cassino), essa secretária por ficar responsável pela região do balneário Cassino recebe este termo.

várias solicitações de moradores e freqüentadores para realizar cobertura semelhante na cancha de bocha existente ao lado. (JORNAL AGORA, 01 de fev 2008).

Hoje, a cancha possui toda a infraestrutura necessária para a prática da bocha em qualquer horário do dia, inclusive, com a iluminação para desfrute a noite.

Desta forma, surgiu a intenção de entender de que forma esse espaço, criado em 2009, está sendo utilizado pelos seus freqüentadores e que significados possui para essas pessoas.

2. Metodologia

Buscando estabelecer a interação do pesquisador com os sujeitos pesquisados e seu contexto sócio-cultural, deparamo-nos com algumas vertentes das abordagens qualitativas, porém, optamos pelos Estudos Culturais, especificamente, utilizando o método etnográfico (GEERTZ, 1989; COSTA, 1989). Objetivando observações detalhadas do contexto, no caso o Chapéu de Palha, utilizamos fontes documentais de acontecimentos específicos, tendo como foco principal investigar os fenômenos simbólicos e culturais de determinado grupo social, analisando os significados dados às ações das pessoas situadas dentro das relações estabelecidas no local.

Seguindo esta perspectiva, realizamos observações constantes e participantes no local, inserindo-se no grupo estudado e relatando toda e qualquer visita em diários de campo. Para Stigger:

a observação participante consiste – em linhas gerais – na vivência do investigador, por um longo período, no contexto que pretende investigar; é nessa experiência que ele – um estrangeiro no universo cultural em que está agora envolvido – estará em contato com modos de vida nos quais estão presentes diferentes sistemas de significação, valores e comportamentos sociais que é preciso desvelar. (2007, p. 39)

Outras estratégias metodológicas foram utilizadas a fim de agrupar dados para dar uma melhor consistência à pesquisa. Assim, utilizamos entrevistas semi-estruturadas, registros fotográficos e compilamos documentos e relatos de jornais locais.

Pretendendo “desvendar” os significados existentes no lugar, analisamos e interpretamos os dados, utilizando em paralelo, bibliografias que correspondem aos objetivos dos estudos. Procuramos, durante o processo, corrigir imprecisões, adicionar informações relevantes que foram desconsideradas pelos pesquisadores e participantes, problematizar as interpretações, fazer emergir algumas novas questões de análise e analisar possíveis problemas éticos que tenham surgido durante o processo de investigação ou da análise dos dados.

3. Os significados do Chapéu de Palha para seus freqüentadores

Procuramos em toda trajetória do estudo compreender os significados atribuídos ao Chapéu de Palha para seus freqüentadores, adentrando mais no espaço, buscamos entender como o jogo da bocha pode estabelecer relações de sociabilidade com seus praticantes e como a velhice está diretamente relacionada com a prática do jogo e com o local.

3.1 A velhice

[...] pra mim veio aquele tempo que eu não tinha nada pra fazer e eu me integrei de uma maneira tão grande no Chapéu de Palha que hoje ele é uma das minhas principais metas, no Chapéu de Palha eu faço parte de tudo... Chapéu de Palha foi a melhor coisa que poderia ter acontecido no cassino porque não ia ter esse circulo muito grande de amizade que a gente viu aqui porque eu tenho aqui amigos que faziam vinte anos que eu não encontrava e agente se encontrou aqui no chapéu de palha e fez um grande circulo de amizade tanto é que juntam pessoas de outro lugares [...] (FREITAS⁹, 30 maio, 2010)

O tempo livre que o processo de envelhecimento apresenta para seus indivíduos, como tempo do “fazer nada”, resulta em apropriação de espaços freqüentados por essa parte da população. Isso é ressaltado na fala de Freitas quando o mesmo relata o aumento do seu tempo ocioso e a dedicação quase que exclusiva a um local que freqüenta.

Existem diversas denominações atribuídas às pessoas na velhice, colaborando para uma representação social diferenciada diante do envelhecimento. Para Silveira (2007, p. 88) essas denominações conhecidas como velhos, idosos, aposentados e terceira idade “contribuem em certa medida, para a formação de uma imagem diferenciada do processo de envelhecimento perante toda a sociedade, e também, das próprias pessoas que estão vivenciando esse período”.

A velhice está relacionada com a decadência e aos velhos é imposto a inatividade. Silveira (2007), em seus estudos, remete a existência de dois tipos de abordagens no âmbito de produções teóricas sobre o assunto. Na primeira fica exposta a semelhança do ato de envelhecer com noção de declínio, com a “perda da funcionalidade corporal do indivíduo e na improdutividade no trabalho e no ambiente em que este vive, acrescentando distanciamento destas pessoas para com a sociedade” (SILVEIRA, 2007, p. 89). Para a segunda abordagem, a relação estabelecida é de indivíduos aposentados, identificando essa camada social como improdutivos, “com isso, no momento da aposentadoria, quando o trabalho não faz mais parte da vida, acontece uma deterioração das pessoas” (PEIXOTO, 2000, *apud* SILVEIRA, 2007, p. 89). O trabalho se torna um valor para medir o fator de integração dos velhos com a sociedade.

Porém, seguindo o pensamento de Silveira (2007), podemos encontrar outras formas de entender a velhice, possuindo significados diferentes dos apresentados acima. Quanto ao aspecto social, a aposentadoria também entra nessa consideração mudando de conceito, pois recebe nessa visão o atributo de tempo livre para realizar desejos e sonhos, além de possibilitar novos projetos de vida.

Dessa forma, o velho não é mais associado à decadência, mas à integração e autonomia, podendo considerar que: “é uma nova etapa da vida em que a ociosidade simboliza a prática de atividades voltadas para o estabelecimento da própria autonomia, da integração e do estímulo ao potencial intelectual ou físico sob o signo do dinamismo” (BATISTA, 2002, p. 98 *apud* SILVEIRA, 2007, p. 89).

⁹ Entrevista realizada com o seu Freitas (assim chamado no Chapéu de Palha), aposentado com 62 anos de idade freqüentador do local desde sua criação.

Outras denominações são utilizadas para se referir à velhice, como idosos e aposentados, mas cada uma possui conotação social diferenciada quando utilizada. Idoso é um termo usado para se referir a velhos que possuem um status social privilegiado, além dessa, os termos “idosos ou pessoas idosas se mostra freqüentemente associado à participação e à independência” (PEIXOTO, 2000, p. 54).

O termo aposentado apresenta um status social abalado, pois é diretamente associado ao um indivíduo improdutivo, ou seja, “ao se apoiar na idade biológica ou no tempo de serviço, a aposentadoria libera do trabalho indivíduos ainda produtivos e lhes atribui o estatuto de inativos” (PEIXOTO, 2000, p. 55). Ainda no âmbito social, “a aposentadoria simboliza, assim, a perda de um papel social fundamental, aquele de indivíduo produtivo, e passa a construir um sintoma social de envelhecimento” (PEIXOTO, 2000, p. 55).

Para este estudo, utilizaremos a expressão velho, pois acreditamos ser o termo que menos apresenta conotações sociais negativas ao se referir a pessoas em processo de envelhecimento.

3.2 A velhice no Chapéu de Palha

Além de uma ótima opção de lazer e sociabilidade, o Chapéu de Palha possui também uma cancha de bocha¹⁰, freqüentada por moradores da localidade, bem como por turistas e pessoas do centro da cidade. A cancha, assim como o Chapéu de Palha, possui uma ótima estrutura, que atrai vários simpatizantes e admiradores, envolvidos pela prática da bocha. Seus freqüentadores passam grande parte de seu tempo praticando bocha, assim confirma seu Freitas, quando afirma que “aqueles que gostam de verdade do jogo passam as manhãs, tardes e noites tentando aprimorar as técnicas no esporte” (Jornal Agora, 7 jan 2009). Para as pessoas que freqüentam o lugar suas relações vão além do jogo, produzindo laços que superam o esporte, assim relata Olheiro, com 71 anos:

Minha mulher até gosta que eu venha pra cá, se eu to em casa to comendo ou to deitado, olhando televisão. Quando a cancha estava em reforma, ela torcia para acabar pra eu sair um pouco de casa. Minha família gosta porque eu me envolvo com meus amigos reencontro aqui pessoas que só vi no tempo do quartel, até minha saúde melhora, eu caminho de lá pra cá, daqui prá lá, até emagreci. (Trecho do diário de campo nº 21, de 15 maio 2010).

Para Blessmann (2007), as praticas de jogos proporciona para os velhos momentos de sociabilidade e ludicidade, fato este que pode ser observado no Chapéu de Palha, já que a bocha representa para aqueles que se envolvem nessa atividade “um ambiente de descontração e expressividade, favorecendo as interações e a vivência

¹⁰ O jogo da bocha sucintamente inicia-se quando o bolim (bola de cor branca, que possui 5 cm de diâmetro) é arremessado para a área de jogo (espaços delimitados por faixas pintadas na lateral da cancha, essas faixas localizam-se no extremo de cada lado da cancha). O bolim é jogado de um dos lados da cancha, mesmo lugar onde os jogadores se posicionam sempre do lado oposto do bolim. Com o objetivo de aproximar as bochas (bolas sintéticas ou de madeira com 12 cm de diâmetro e com o peso de 1,4 Kg), os jogadores tentam lançar as bochas o mais próximas do bolim, assim como os mesmos tem o objetivo de afastar as bochas dos adversários. O jogo acaba quando um jogador ou uma equipe atinge 15 pontos. Os pontos são contados de acordo com número de bochas que se aproximam do bolim.

lúdica, compreendida como forma viva e como ação sentida” (BLESSMANN, 2007, p. 156).

Assim como outras práticas de lazer, o jogo da bocha no Chapéu de Palha proporciona momentos de descontração, amizade e prazer para seus freqüentadores, assim como relata, numa entrevista, seu Elton (66 anos): “...o Chapéu de Palha é muito bom principalmente para os idosos que tão quase parando e agora tem uma atividade que pelo menos a gente se confraterniza faz amizades né...”.

De acordo com Elias e Dunning (apud Blessmann, 2007, p. 157) assim como as demais práticas de lazer, entendemos que os jogos podem proporcionar

[...] oportunidades para experiências emocionais que estão excluídas dos setores altamente rotineiros da vida das pessoas, como dizem Elias e Dunning ao se referirem-se ao lazer no aspecto do tempo livre, e que são partilhadas com outros, gerando novas formas de estar com o outro para com ele compartilhar tensões, emoções e o prazer de estar junto.

Considerações finais

Nessa pesquisa, procuramos através da etnografia, compreender os significados de um espaço de lazer e sociabilidade no balneário Cassino, estamos ainda no processo de execução do estudo, já que o mesmo não se encontra acabado.

Porém, podemos perceber que o Chapéu de Palha, para seus freqüentadores, vai muito além da simples prática da bocha, é um lugar de encontros e realizações muito significantes para esse público, em que acontecem momentos de sociabilidade e lazer. Através da compreensão daquele universo cultural em particular, podemos perceber que além da sociabilidade, do jogo e do lazer, destacam-se também aspectos acerca da velhice, assunto que nos motivou a maiores reflexões sobre o Chapéu de Palha.

Sendo assim, podemos visualizar que o Chapéu de Palha possui uma relação com o processo de envelhecimento, uma vez que todos seus atores estão nessa fase. A fim de ocupar o “tempo livre”, os velhos da cidade e principalmente dos arredores do local, convivem no Chapéu de Palha diariamente, tornando o lugar em um espaço de pertencimento, o que aparentemente torna o ambiente particular, ou seja, um espaço “somente” de seus freqüentadores.

Para finalizar, percebemos que são inúmeras as relações que o Chapéu de Palha pode estabelecer para seu público, baseado nessas visualizações e análises continuaremos a pesquisa para uma melhor apropriação do lugar, bem como das relações que lá acontecem.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Billy Graeff. Esporte e estilo de vida: a trajetória social de skatistas patrocinados. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p 161 – 176.

BLESMANN, Eliane Jost. A sociabilidade e a ludicidade nos jogos esportivos adaptados para idosos. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e

SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p 147 – 159.

ENKE, Rebecca Guimarães. **Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890 – 1905)**. 2005. 146 f.. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

FONTES, Nadia. Cancha de bocha é diversão inverno e verão. In: **Jornal Agora**. Rio Grande, 7 jan. 2009, Geral, p. 5.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sociabilidades e práticas corporais. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p 13 – 30.

JORNAL AGORA - **CASSINO terá quiosque ao lado do chapéu de palha**. Rio Grande, 28 jan. 2009, Geral, p. 5.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1986.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 2ª. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2ª. ed. São Paulo, SP: UNESP, 2006.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo, SP: Annablume, 2000, 206 p.

RIO Grande em fotos. **Rio Grande - Noiva do Mar**. Disponível em <http://www.riograndeemfotos.fot.br/hist.html>. Acesso em: 16 junho de 2010.

SILVEIRA, Raquel da. Jogo da bocha: a “cachaça” do seu Inácio. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p 85 – 96.

_____. [A prática da “bocha” na SOERAL: entre o jogo e o esporte](#). **Movimento**, Porto Alegre, 2004, v. 10, n. 2, p. 37 – 53, maio/ago. 2004

STEIGER. Roger Nelson. **O emocionante espetacular esporte da bocha: conheça os segredos da bocha**. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 1987, 118 p.

STIGGER, Marco Paulo. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ,

Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p 31 – 50.

Cristiano Ollé Pereira
Endereço: Rua Rio Xingú casa 121
Bairro: Parque Marinha
Cep: 96215-670
Rio Grande-RS
e-mail: cristianoolle@gmail.com